

## SILÊNCIO E LINGUAGEM NA OBRA DE MARTIN HEIDEGGER

Maria de Fátima Batista COSTA<sup>1</sup>

*Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente*

Clarice Lispector

*Caso o homem encontre, alguma vez, o caminho para a proximidade do ser, deve antes aprender a existir no inefável... Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser, sob o risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo lhe restar a dizer. Somente assim será devolvido à palavra o valor de sua essência e o homem será gratificado com a devolução da habitação para residir na verdade do ser.<sup>2</sup>*

Martin Heidegger

O tema desse trabalho é a relação entre *Ser* e *linguagem* em Martin Heidegger e a relação da linguagem com a experiência do silêncio apropriador. Esta questão virá à tona pelo crivo de sua questão fundamental de Heidegger e também do próprio pensar segundo o filósofo, a questão ontológica do *sentido do ser*, questão esta que funciona como o núcleo interrogativo de seu arsenal filosófico.

---

<sup>1</sup> Maria de Fátima Batista Costa, graduada em Filosofia(UNICAP-PE), mestre em Filosofia(UFPE) doutora em Letras (UFPE); professora universitária. Email: [mfbcostapt@gmail.com](mailto:mfbcostapt@gmail.com)

<sup>2</sup> HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Col. *Os Pensadores*. Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril cultural, 1979. *Carta sobre o humanismo*, p.152;

Obs<sup>1</sup>: A edição acima será usada exclusivamente para o texto *Carta sobre o humanismo*; para todos os demais será usada a edição de 1999, da Nova Cultural.

Obs<sup>2</sup>: Toda tradução efetuada neste texto é responsabilidade da autora.

*Ser e Tempo*, obra poema<sup>3</sup> de Martin Heidegger, não aborda com suficiente radicalidade a questão da linguagem, até porque não é este o objetivo do texto, no entanto, já está ali esboçada a íntima pertença entre ser e linguagem, pertença esta que se desdobrará nas obras posteriores.

A necessidade inexorável de uma reflexão sobre a linguagem aparece em toda sua obra. Para Heidegger, “A determinação da Essencialização da linguagem, já até mesmo a sua simples investigação, rege-se sempre pela pre-compreensão dominante a respeito da essência do ente e da concepção de essência. Ora, essência e ser fala na linguagem”<sup>4</sup>

Desde suas primeiras obras Heidegger já se preocupa com o problema da linguagem. *A doutrina das categorias e dos significados em Duns Scoto*, por exemplo, discute a questão da predicação, da doutrina da significação que desemboca na gramática especulativa como meditação metafísica.

(...) já no título de meu trabalho de habilitação de 1915, *A doutrina das categorias e dos significados em Duns Scoto*, evidenciam-se ambas perspectivas. ‘Doutrina das categorias’ é, com efeito, o nome tradicional para o exame do ser do existente (des Sein des seiendes), e ‘doutrina da significação’ quer dizer a gramática especulativa, a meditação metafísica sobre a fala e sua relação com o ser.<sup>5</sup>

Ali já se delineia a intrínseca relação entre ser e linguagem que permeará toda a obra do pensador. O próprio Heidegger nos atesta isto ao afirmar que “...a meditação acerca da fala e do ser determina desde o começo o caminho de meu pensamento. (...) Talvez o defeito fundamental da minha obra, *Ser e Tempo*, seja que me atrevi a ir demasiado longe prematuramente”<sup>6</sup>

*Ser e Tempo*, obra que vem a público em 1927, não tinha terreno suficientemente fecundo para os desdobramentos de uma analítica existencial - objetivo do texto - que se volta para a questão da origem, revolvendo o pensar ocidental, interrogando o caminho tomado por esse pensar, e fazendo dessa interrogação *um* caminho. “É certo que Heidegger teve sempre presente o objetivo

<sup>3</sup>Poema no sentido de feixe nuclear de ideias desde onde se desdobrará o pensar heideggeriano. Para Heidegger, “todo grande poeta poetiza só desde um único Poema. A grandeza (*do pensador*) se mede pela amplitude com que se afiança a este único Poema (...) cada poema fala desde a totalidade do Poema único e o diz a cada vez”. Martin Heidegger. *A caminho da linguagem. (De camino al habla.)* Barcelona: Del Serdal, 1987. p. 35. “(...) e dado que o fenômeno originário é essencialmente poético, todo grande pensador enuncia um único pensamento que se mantém como algo nunca totalmente dito”. Richard E. Palmer. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1969. p. 145.

<sup>4</sup> Martin Heidegger. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. p. 82.

<sup>5</sup> Martin Heidegger. *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 84.

<sup>6</sup> Ibidem, op. cit. p. 86.

último, ainda que, todavia, muito vago: repensar o início, o inicial. Aproximar-se ao início significa sempre prevenir-se de outras possibilidades abertas retomando o caminho percorrido.”<sup>7</sup>. Sendo assim, a reflexão sobre a linguagem na obra não é assumida em primeiro plano.

Nesse movimento do pensar, que retoma o próprio caminho trilhado como mote para o investigar, a própria linguagem - pelo viés da metafísica ocidental – vai se revelar impotente para dizer o que *pensa* o pensar.

O esteio das obras de Heidegger é o inevitável entrelaçamento ser-homem-verdade-linguagem sob o crivo da questão da origem. Do seu projeto investigativo pode-se dizer que visa desdobrar a essência do homem que acontece como linguagem, sendo esse um trabalho de ‘*Hermes*’, ou seja, de escuta, compreensão e interpretação da questão da origem – um trabalho de garimpo com uma linguagem que faz renascer o pensar e a linguagem ocidental dos escombros do próprio pensar e da linguagem da tradição. Com essa investigação Heidegger busca o *impensado original*, ou seja, o impulso inicial da origem. Mas o que é a origem? E o que é que a origem ilumina caso seja atingida? O *ser*<sup>8</sup>.

As palavras originárias com sua ressonância inicial prenhe de significações, solo e abrigo do pensar ocidental, é isso que Heidegger ambiciona desvelar: quer ‘*abrir o começo*’ desde onde se oculta e se des-vela o elemento do pensar – o *ser*. Esse seu intento pode ser tomado como busca mitológica do impensado original, todavia, uma das suas grandes contribuições consiste no fato de revelar que o pensar essencial não aceita contornos, desvela-se *na* e *da* nudez do que *é* e *tem que ser* – o *Ser*, que percorre e move o pensar ocidental.

Sendo o pensar heideggeriano uma incursão na origem pelo viés da língua grega, vale salientar que esta não é neutra, também não é inocente como não é inocente qualquer língua. A língua é em princípio um substrato das mais diversas trocas e experiências, é jogo e acasalamento com todas as experiências humanas. Para Gadamer, “Só podemos pensar dentro de uma língua. E é justamente este habitar de nosso pensamento em uma língua o enigma profundo que a linguagem

<sup>7</sup> Hans-Georg Gadamer. *Verdad y Metodo*. vol. II, Salamanca: Sígueme. 1994, p.35.

<sup>8</sup> Marlène Zarader, comenta :“No caminho da sua questão, Heidegger encontra a necessidade de regressar à destinação inaugural do ser, tal como foi outorgada na alvorada da nossa história. (...) visa (com isso) explicitar as experiências (*Erfahrungen*) iniciais, experiências tornadas possíveis pela língua do começo (*no caso, a língua grega*).” In, *HEIDEGGER e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget. S.d. p. 28.

coloca ao pensamento”<sup>9</sup>, quer dizer isto que estamos na linguagem já sempre em casa, e que todo pensar sobre a linguagem vê-se já sempre de novo apanhado pela linguagem<sup>10</sup>. Ela é o que instala o homem enquanto ‘o’ humano.

Para Heidegger, a linguagem está na origem: “nada há onde falta a palavra”.<sup>11</sup> Essa posição que é radicalização das ideias de *Ser e Tempo* vai ser desdobrada principalmente no texto *A caminho da linguagem*. Nesta obra Heidegger afirma que “nenhuma coisa é onde falta a palavra, quer dizer o nome. Somente a palavra confere o ser a coisa”.<sup>12</sup> A linguagem é acontecimento por excelência de mundo e coisas e homem. A palavra não é uma etiqueta que se cola às coisas fazendo-as existir daquele ‘*momento*’ em diante: ela é propriamente possibilidade de existência das coisas.

Para Heidegger, toda problematização da linguagem e todo uso concreto dela pressupõem que ela já tenha falado, e tenha falado desde onde? Desde o silêncio re-colhe-dor do ser que é possibilidade inexorável para o dizer constitutivo do ser-no-mundo. Portanto, como já foi dito, a linguagem aponta agora para o próprio ser: a presença do presente, dualidade do ser e do ente em sua unidade, pertence ao ser como mensageiro, como aquele que transmite a mensagem e a conserva. Ouvir consiste em acolher e re-colher o escutado desde sempre.

A experiência pensante com a linguagem assinala para a ideia de que ela é a experiência fundadora não só do ente, mas também do ser. Clarifica-se agora nessa fase do pensar de Martin Heidegger a íntima pertença entre ser-homem-linguagem-verdade, seja na estrutura do *Ereignis*, apropriação-expropriação do evento de ser, seja na concepção da obra de arte como abertura e instituição de mundo, e, portanto, como o lugar de abertura na verdade do ser.

Desde *Ser e Tempo* o silêncio aparece como fundante e originário. Nesta obra, ele é constitutivo do discurso tanto quanto a escuta. Mas,

<sup>9</sup> GADAMER, Hans-Georg. “Homem e linguagem.” In, *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Custódio L. S. Almeida; Hans-Georg Flickinger; Luiz Rohden. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2000. p.120.

<sup>10</sup> “O homem que pensa não manipula palavras como instrumento de uma mensagem a comunicar, mas ‘habita’ sempre já a língua”. Michel Haar. *HEIDEGGER e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. p. 142s.

<sup>11</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 199. Para Heidegger, palavra (*Wort*) não tem apenas um sentido dicionário (1. Fonema ou grupo de fonemas com uma significação; termo, vocábulo. 2. Sua representação gráfica. 3. Manifestação verbal ou escrita. 4. Faculdade de expressar ideias por meio de sons articulados; fala. 5. Modo de fala, etc., como podemos ler no Aurélio B. de H. Ferreira). “As palavras e a linguagem não constituem cápsulas em que as coisas se empacotam para o comércio de quem fala e escreve. É nas palavras, é na linguagem, que as coisas chegam a ser o que são”. Idem, *Introdução à metafísica*. op. cit. p. 44.

<sup>12</sup> Idem. “A essência da fala” . In, *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 146.

O “que é o silêncio? Não é só o que não ressoa. No que não ressoa se perpetua meramente a imobilidade do soar e do fonar. Mas a imobilidade não está só limitada à fonação enquanto que sua superação, nem é o imóvel propriamente o que é quieto. O imóvel é sempre, por assim dizer, é o reverso do que está na quietude. O imóvel mesmo repousa ainda na quietude. (...) a invocação que reúne é o ressoar.(...) A fala fala enquanto que apelo da Diferença que encomenda mundo e coisa à simplicidade de sua intimidade.<sup>13</sup>

A linguagem antes de ser a instância da representação, é o lugar da *escuta* e da *resposta*. Escuta do apelo silencioso do ser, escuta do indizível enquanto o não calculável, enquanto aquilo que possibilita qualquer dizer mas que não se esgota em nenhum dito sub-dito, inter-dito ou entre-dito. Para Heidegger, “*um pensamento recebe sua determinação do fato de se ouve e de como ouve o dizer confiador dentro do qual fala a essência da fala*”.<sup>14</sup> O dizer confiador do ser como apelo ao comum-pertencer de homem e ser, como convocação ao acontecer de homem e mundo.

O apelo silencioso do ser ultrapassa todo e qualquer dizer, tem a força silenciosa do pos-sível<sup>15</sup> e é também resposta enquanto o acolher o chamado a ser do ser. Silêncio aqui é o escutar originário. A tese é de que homem e ser acontecem num dizer silencioso uma vez que quem nunca ouviu nada não pode falar. Portanto, é o

silêncio que concentra em si aquilo que primeiramente possibilita desvelamento.(...) O que o desvelamento, antes de qualquer outra coisa, garante, é o caminho no qual o pensamento persegue a este único e para o qual se abre: (...) o fato de que a presença se apresenta.<sup>16</sup>

A capacidade crítica do pensar exige que este tenha acesso ao originário, *nudez sem nome* que lhe possibilita. Esta possibilidade é a relação que o pensar mantém com o silêncio. O soar da palavra só é possível por brotar do silêncio. Portanto, “poder falar e poder ouvir são igualmente originários. Somos um diálogo quer dizer que podemos ouvir mutuamente”<sup>17</sup>, ou seja, o diálogo é o acontecimento essencial da fala e o homem acontece como diálogo, desde que o tempo é tempo.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. p. 27

<sup>14</sup> Ibidem. p. 165

<sup>15</sup> “O ser como o que pode e quer é o ‘pos-sível’. O ser como o elemento é a ‘foça silenciosa’ de poder que quer dizer, isto é, do possível. (...) quando falo de ‘força silenciosa do possível’, não me refiro ao possibile de uma possibilitas apenas representada, nem à potentia enquanto essentia de uma actus da existentia, refiro-me ao próprio ser que pelo seu querer, impera com seu poder sobre o pensar e, desta maneira, sobre a essência do homem, e isto quer dizer, sobre sua essência com o ser.” Idem. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p. 151

<sup>16</sup> Idem. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. op. cit. p. 105.

<sup>17</sup> Idem. *Hölderlin y la esencia de la poesia*. In, *Arte y Poesia*. op. cit.p. 134.

“Ser um diálogo e ser histórico são ambos igualmente antigos, se pertencem um ao outro e são o mesmo”.<sup>18</sup>

na linguagem essencial, instituem-se os mundos históricos em que o estar-aí e o ente se relacionam entre si nos vários modos da presença no mundo. (...) De maneira que a linguagem é a sede, o lugar do acontecer do ser como abrir-se das aberturas históricas em que está lançado o Dasein, e Heidegger concebe a estrutura do Ereignis de acordo com o modelo da relação do homem com a linguagem.<sup>19</sup>

A palavra autêntica é a palavra inaugural do alvorecer humano. Ela faz acontecer verdade; é o abrir dos horizontes históricos só onde é possível ser e homem. Porém, essa relação da palavra com o silêncio, não é apenas relação de dependência de fundamento, como se a palavra necessitasse de um antes, para dele poder emergir. Mas o falar autêntico está numa relação constante como o outro do significante, da linguagem. O falar autêntico é mais que um calar simplesmente do silêncio, “falamos quando se perde o fundo, quando notamos a falta de um fundamento (*Grund*), na medida que o buscamos e desejamos falá-lo”.<sup>20</sup> Falamos desde o fundo sem fundamento que o é homem, e exatamente por isso. Ou seja,

o acontecimento da linguagem comporta um risco porque o outro da linguagem não é somente o fundo mudo sobre o que a palavra ressoa, nem somente o silêncio que marca os intervalos e as diferenças entre palavra e palavra, senão que é, positivamente, o silêncio da temporalidade vivida que tem como seu limite e como seu fundamento constitutivo a morte<sup>21</sup>.

O silêncio não é o horizonte fundante que a palavra precisa para poder acontecer, mas é o abismo, a falta de fundo onde a palavra se perde e donde a palavra nasce. “A fala necessita do falar humano mas, ao mesmo tempo, não é o puro e simples produto de nossa atividade falante”.<sup>22</sup> Isto é, “só podemos ser isto ‘escutantes’ (*Hörende*) a medida em que pertencemos (*gehören*) ao Dizer”.<sup>23</sup> Desde e já e sempre somos escutantes do diálogo originário, nudez. Isso implica que, “o

<sup>18</sup> HEIDEGGER, Martin. *Hölderlin y la esencia de la poesía*. In, *Arte y Poesía*, op. cit. p. 135.

<sup>19</sup> VATTIMO, G. *Introdução a Heidegger*. op. cit. p. 121.

<sup>20</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 13.

<sup>21</sup> VATTIMO, G. *Heidegger y la poesía como ocaso del lenguaje*. cp. cit. 122.

<sup>22</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 230 “O som do silêncio não é nada humano. Em compensação, o ser humano é em sua essência, ser falante. Esta palavra ‘falante’ significa aqui: levado a sua propriedade a partir do falar da fala. (...) a essência da fala – o som do silêncio – necessita e põe em uso o falar dos mortais para poder soar como o som do silêncio a seus ouvidos. Só na medida em que os homens pertencem ao som do silêncio são capazes em um modo que a eles lhes é próprio, do falar que faz soar a fala.” Portanto, “o falar dos mortais é invocação que nomeia, que encomenda (apela) vir coisas e mundo desde a simplicidade da Diferença.” Ibidem. p. 28.

<sup>23</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 232.

caminho da linguagem pertence ao Dizer, que vem determinado desde o advento apropriador. (...) O caminho é apropriante”.<sup>24</sup>

O dizer, por sua vez, é do ser, dizer confiador. O desdobramento da fala pertence a este. “O silêncio, ao que se só atribuir a origem do falar, é já de por si um corresponder. O silêncio (*Schweigen*) corresponde à inaudível chamada da calma (*Stille*) do Dizer apropriador-mostrante. O Dizer que descansa no advento apropriador é, enquanto que mostrar, o modo mais próprio de apropriar. O advento apropriador é dizente”.<sup>25</sup>

Uma nudez progressiva do dizer não tem por intenção chegar à anulação do mundo e do homem, mas o sentimento oceânico de envolto e envolvido, pertencer ao dizer do ser. Isso porque, o escutar não somente acompanha e rodeia ao falar, tal como sucede no diálogo.

A simultaneidade de falar e escutar tem uma significação mais ampla. O falar é, enquanto que dizer, desde si um escutar. É escutar a fala que falamos. A escuta da fala precede, também e do modo mais inadvertido, a qualquer outra escuta. Não só falamos a fala, falamos desde a fala. Somos capazes disso somente porque desde sempre temos escutado a fala.<sup>26</sup>

A fala fala neste sentido cada vez segundo o modo no qual o advento apropriador enquanto tal se oculta ou se retira.<sup>27</sup> A escuta funda-se também no advento apropriador visto que o poder escutar o Mostrar do dizer é o tornar próprio, é o que desdobra-se enquanto acontecimento real, então o escutar reside no advento-apropriador. O que significa: o ser do homem funda-se na fala.

(...) Porém a unidade deste diálogo consiste em que a cada vez está manifesto na palavra essencial no um e o mesmo por o que nos reunimos, em razão do qual somos um e propriamente nós mesmos. O diálogo e sua unidade são portadores de nossa existência.<sup>28</sup>

Daí a afirmação de Heidegger: “é a linguagem que fala, pois o falante se experimenta como a mediação da revelação de um que é maior que ele”<sup>29</sup>. O homem fala enquanto que corresponde a fala. Corresponder é está à escuta. Há escuta na medida em que há pertença ao mandato do silêncio. “A fala fala enquanto que diz,

<sup>24</sup> Ibidem. p. 236.

<sup>25</sup> Ibidem. p. 237s.

<sup>26</sup> Ibidem. p. 229.

<sup>27</sup> Cf. Ibidem. p. 237s.

<sup>28</sup> Idem. *Hölderlin y la esencia de la poesía*. In, *arte y Poesía*. op. cit. p. 134.

<sup>29</sup> HEIDEGGER, Martin. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. op. cit. p. 105.

isto é, mostra. Seu dizer brota do antigamente falado, mas até agora ainda ‘não dito’, Dizer (*Sage*) que atravessa e permeia o traço abridor de desdobramento da fala. A fala fala enquanto que, como Mostração que chega a todos os âmbitos do presente, deixa, a partir deles, aparecer, ou des-aparecer presença”.<sup>30</sup> O mostrar, o dizer, o trazer à luz são os modos do ser se des-velar, do acontecimento do verdadeiro.

Para um pensar que procura pensar a verdade do ser, a única questão que permanece é se a determinação do ser como o simplesmente transcendente já nomeia a simples essência da verdade do ser. (...) A única tarefa do pensar é trazer à linguagem, sempre novamente, este advento do ser que permanece e em seu permanecer espera pelo homem.<sup>31</sup>

Para isso é preciso uma comprovação constante de si e de até onde somos capazes do que é próprio à correspondência: a antecipação na retenção. “(...) O homem fala só que enquanto que corresponde a fala (...) Seu falar fala para nós no falado.”<sup>32</sup>

Corresponde ao apelo do ser que chama desde a diferença. É por isso que a questão da diferença é, no segundo Heidegger, como tema central a ser trabalhado conjuntamente à linguagem. A linguagem diz a diferença como mútua referência de ser e ente, preservando-a, protegendo-a. A linguagem diz a diferença cuidando-a desde o des-velamento. “O ser lançado reconheceu-se como um ser sempre resposta a uma chamada; (...) à luz do caráter lingüístico que pertence à abertura da verdade, o evento do ser manifesta-se como unidade de apelo e resposta. (...) a linguagem é a sede do evento do ser”.<sup>33</sup>

Para Heidegger o falar dos homens não repousa em si mesmo, mas na relação ao falar da fala.

A clareira garante e possibilita a ela mesma o apresentar-se. A alethéia, o desvelamento, devem ser pensados como a clareira que assegura ser e pensar e seu apresentar-se recíproco. Somente o coração silente da clareira

<sup>30</sup> Ibidem. *A caminho da linguagem*. op. cit. p. 230.

<sup>31</sup> Ibidem. *Carta sobre o humanismo*, op. cit. p. 174. Isto por que, “O projeto dentro do qual as coisas adquirem ser é, pois, um fato lingüístico: ‘Onde não há linguagem, não há abertura do ente (...) a linguagem, ao nomear o ente, pela primeira vez o faz chegar à palavra e à aparição’” G. Vattimo. *Introdução a Heidegger* op. cit. p. 120.

<sup>32</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. p. 30 “Os mortais falam na medida em que escutam. Estão atentos à invocação do mandato do silêncio da Diferença ainda que não a conheçam. A escuta des-prende do mandato da Diferença o que leva à sonoridade da palavra. O falar que des-prende escutando é o Corresponder. (...) O Corresponder é, desde que um des-prender que escuta, ao mesmo tempo um responder com reconhecimento. Os mortais falam na medida em que correspondem à fala de um modo duplo: des-prendem da fala o que lhe evoluem. (...) A palavra dos mortais fala enquanto que, de modo múltiplo, Corresponde.” Ibidem. 29.

<sup>33</sup> VATTIMO, G. *Introdução a Heidegger*, op. cit. p. 123.

é o lugar do silêncio do qual irrompe algo assim como a possibilidade do comum-pertencer de ser e pensar, isto é, a possibilidade do acordo entre presença e apreensão. (...) Sem a experiência prévia da Alethéia como clareira, todo discurso sobre a seriedade ou o descompromisso do pensamento permanecem infundado. (...) O desvelamento é como que o elemento único no qual tanto ser como pensar e seu comum-pertencer podem dar-se.<sup>34</sup>

Esse falar da fala é o som da diferença, daquilo que apela, que chama a ser mundo e coisa num duplo movimento de recolher tanto coisa a mundo quanto mundo à coisa. “Na enunciação, seja discurso ou seja escritura, se rompe o silêncio.” (...) Isso porque, “o modo segundo o qual os mortais, chamados desde a Diferença nela mesma, falam a sua vez, é o Corresponden”<sup>35</sup>. Não é do tanto ouvir por aí da linguagem cotidiana que o homem fala, mas de origem ele é requisitado pelo dizer, pelo falar do ser desde que o invoca. “O falar humano, antes que nada, deve ter escutado o mandato da invocação tanto que qual o silêncio da Diferença chama mundo e coisa ao rasgar de sua simplicidade. Cada palavra do falar dos mortais fala desde esta escuta e enquanto que tal escuta”.<sup>36</sup>

A diferença ontológica que no primeiro é tema central, no segundo, está imbricada na linguagem. A linguagem diz o acontecer e desdobramento entre mundo e coisa, entre ser e homem, portanto, nomeia a diferença. “Os mortais falam na medida em que escutam. Estão atentos à invocação do mandato do silêncio da Diferença ainda que não a conheçam. A escuta des-prende do mandato da Diferença o que leva à sonoridade da palavra. O falar que des-prende escutando é o Corresponden.” (...) O Corresponden é, desde que um des-prender que escuta, ao mesmo tempo um responder com reconhecimento.

Aí está a importância do dizer poético para Heidegger, pois o pensador ou o poeta ajuda com a sua palavra o ser aparecer, a mostrar-se, mas ele não o obriga aparecer, não recorre à força, acontece como um doar-se. Tudo depende duma escuta, duma espera (mas que não é espera de algo determinado por antecipação, não é espera consciente, mas de con-vocação). “Esta escuta atenta donde sai a palavra exige silêncio, uma retenção (*Verhaltenheit*), um pudor (*Scheu*), tonalidades sem as quais não há proibidade do dizer (...) O ser não se inscreve a si mesmo na letra. A palavra da verdade é deixada ao homem. Só o pensamento-palavra, se está

<sup>34</sup> Martin Heidegger. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. op. cit. p. 105

<sup>35</sup> *Entsprechen*: Corresponden: o responder ao mandato da fala submetendo-se a ele. Nota 1, p. 29.

<sup>36</sup> “(...) o homem é originariamente diálogo, linguagem: diálogo com o ser, com o sentido originário que historicamente nos interpela.” *Ibidem*. p. 105.

‘atento à conveniência do dizer do ser’<sup>37</sup>, atinge a cumplicidade” de uma nudez sem nome, do dizer propriamente.

Silêncio certamente significa também que a poesia deve ‘*voltar ao som do silêncio que, como dizer originário*, e ao fazer isto, *põe em movimento as regiões da quadrindade*’, as regiões do mundo (“terra e céu, mortais e divinos), originariamente numa relação de mútua pertença e dependência, num constante entrelaçamento dialético. A poesia exercita a função inaugural que lhes é própria só a ela não somente enquanto ‘*funda o que dura*’, mas também enquanto ‘*desfunda*’, no sentido do de que revela a nudez das estruturas sólidas do existir lançando-nos na estrutura crílica e viva da condição. O fundado na vivida relação com o nada, com o outro como physis, como animalidade e como silêncio. A palavra poética, deste modo, inventa contextos vivos para a palavra. Cria contextos para a linguagem à medida que des-nuda o existir desde a escuta do silêncio apropriador que possibilita qualquer possibilidade.

As palavras geladas da tradição: palavras usadas e gastas pelo cotidiano das interpretações e significações repetitivas perde a vitalidade original à medida que adquire novas camadas sobrepostas de sentidos, mas também, adquirem nova história. Portanto, trata-se em Heidegger, sempre em qualquer momento do seu pensar, de encontrar as possibilidades escondidas na linguagem e permanentemente dizer o não dito, dizer o ser respeitando e cuidando do dito da tradição. Neste sentido, pode-se definir o seu pensar como *ontopatía*, paixão desveladora de ser. Trata-se então sempre de voltar ao poder de *mostração* da palavra, ao carácter vivo da fala, uma vez que só este é capaz de redimensionar o olhar do humano sobre si e sobre o outro. Pois, como diz Gadamer,

é a linguagem o verdadeiro centro do ser humano, quando se a vê apenas naquele domínio que só ela preenche, o domínio do estar com o outro, o domínio da compreensão, tão imprescindível à vida humana quanto o ar que respiramos. O homem é realmente, como disse Aristóteles, o ser dotado de linguagem. Por isso, tudo o que é humano, nós devemos deixar que se nos seja dito<sup>38</sup>

<sup>37</sup> HAAR, Michel. *HEIDEGGER e a essência do homem*. op. cit. p. 144s.

<sup>38</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Homem e linguagem*. In *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer* p. 127. Seja através de palavras explícitas ou de gaguejos mal ditos ou malditos.

## Considerações

Toda reflexão de Heidegger, sobre a linguagem se faz no sentido de mostrar que o originário não é que falamos uma linguagem e dela nos utilizamos para poder manipular o real, mas antes, a linguagem nos marca, nos determina, e nela se dá a revelação dos entes a nós, o que só é possível porque em sua dimensão última, a linguagem é o evento de desvelamento do ser.

No Ocidente, predomina o olhar técnico e impessoal não só sobre a linguagem, sobre a técnica, sobre os homens e suas ações, este ‘olhar’ de superfície não se atém apenas ao âmbito da técnica, mas invadiu todos os redutos da vida. O homem se entende hoje como aquele que detém o poder não apenas sobre ‘a *terra dos homens*’ mas também sobre o *extra-terra*, o fora do nosso planeta. A compreensão que o homem tem sobre si é determinada pela sua capacidade de domínio da técnica. Aquilo que o homem é, determina-se muito a partir da máquina. ‘*Mede-se*’ o homem pela sua capacidade operacional. O homem absolutizou a dimensão técnica da linguagem e da existência, e partir daí destila seu poder de fogo para a terra e o extra-terra onde a máquina é a medida: ‘eu opero, logo existo’.

Esta interpretação técnica do pensar não é apenas limitada, mas fruto do modo ocidental de tomar o ser pelo ente no seu apresentar-se, esquecendo a diferença intransponível entre ser e ente. Não consiste em erro valorizar a dimensão de manipulação das coisas, o problema está em absolutizá-la. A dimensão técnica é apenas ‘*um*’ dos modos possíveis da linguagem, e não “o” modo. Assim sendo, a linguagem é reduzida a um puro instrumento de superfície por meio do qual se entra em contato com os outros.

Será por acaso, dado ao homem manter-se na terra e *edificar* uma morada a um tempo mundial e individual? Um morar em que esteja mais atento ao apelo do mais humano do homem, escuta da voz do ser? Morar é habitar, cuidar, proteger, amar. Olhar o silêncio dentro do silêncio humano. Olhar o que nos *faz vacilar*.

Este cenário aparece quando se levanta as cortinas da reflexividade sobre a linguagem. Pobreza no falar implica em pobreza no pensar e, sobretudo, impotência no agir.

## Bibliografia

AMATUZZI, Mauro Martins. *O resgate da fala autêntica*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

- ANAXIMANDRO, Parmênides, Heráclito. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- AQUINO, Marcelo F. de. "Metafísica da subjetividade e linguagem - I". In *Ética e Metafísica* Revista Síntese Nova Fase da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, Centros de Estudos Superiores, MG, Vol. 20, nº61, abril-junho1993.
- ARENDT, Hannah; Heidegger, Martin. *Hannah Arendt – Martin Heidegger: correspondência 1925-1975*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- ARISTOTELES. *Organon*. Lisboa: Guimarães Editores, 1985 (Coleção Filosofia e Ensaios)
- AUROUX, Sylvain. *A filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998 (Coleção Repertórios)
- BAY, T. Aguilar-Álvarez. *El lenguaje en el primer Heidegger*. México: Fondo de Cultura Económica. S.d.
- BEANINI, Thais Curi. *À escuta do silêncio : um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortez, 1981.
- BEAUFRET, Jean. *Introdução às filosofias da existência*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- BUBNER, Rüdiger. *La Filosofía Alemana Contemporana*. Madrid: Ed. Catedra, 1984 (Colección Teorema).
- CAPURRO, Rafael. *Heidegger y la experiencia del lenguaje* revista *Cuaderno de psicoanálisis freudiano* (Montevideo), No. 22, 1982, p. 81-86.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e mito*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1922.
- COLOMER, Eusebi. *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. Vol. III. Barcelona: Herder, 1990.
- CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: E.P.U., Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- COSTA, Evandro da Fonseca. "O homem... sonho, liberdade, transcendência!" In *Revista Studium* nº 4, dezembro 1999. Recife: Instituto Salesiano de Filosofia.
- DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?* Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1973.
- GADAMER, Hans-Georg. *El giro hermenéutico*. Espanha: Catedra Teorema.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e método*. 2 ed. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GMEINER, Conceição Neves. *A morada do ser : uma abordagem filosófica da linguagem, na leitura de Martin Heidegger*. São Paulo : Loyola, 1992.
- GUSDORF, Georges. *A palavra*. Lisboa: Edições 70, 1952.
- HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. "Construir, habitar, pensar". In Heidegger, Martin., *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994
- \_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- \_\_\_\_\_. *¿Qué quiere decir pensar?* In Heidegger, Martin., *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994.
- \_\_\_\_\_. *¿Y para qué poetas?* In Heidegger, Martin., *Caminos de bosque*, Alianza, Madrid, 1996, pp. 241-289.

- \_\_\_\_\_. “Logos (Heráclito, fragmento 50)”. In *Conferencias y artículos*, Serbal, Barcelona, 1994, pp. 179-199.
- \_\_\_\_\_. “O conceito de tempo”. In *Cadernos de Tradução do Departamento de Filosofia da USP*, nº2. São Paulo, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Poéticamente habita el Hombre”; In Heidegger, Martin., *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994
- \_\_\_\_\_. *A determinação do ser do ente segundo Leibniz*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- \_\_\_\_\_. *A essência do fundamento*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Arte y poesia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Cartas sobre o humanismo*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1999 (Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *Da experiência do pensar*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- \_\_\_\_\_. *De «¿Qué significa pensar?»*, Buenos Aires: Nova, s/data.
- \_\_\_\_\_. *De camino al habla*. Barcelona: Del Serdal, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Heráclito*. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Introducción a la filosofía*. Madrid: Cátedra, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O caminho do campo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Ontologia. Hermenêutica de la facticidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Seminários de Zollikon*. Ed. Medard Boss. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999 (Partes I e II).
- HERDER, Johann Gottfried. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Lisboa: Antígona, 1987.
- Lévinas, Emmanuel. *De outro modo que ser, o más allá de la esencia*. Salamanca: Sígueme, 1987.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* 2 ed. São Paulo: ALLCAXX/Scipione Cultural, 1997.
- LOPARIC, Zeljko. *Ética e finitude*. São Paulo: Educ, 1995.
- LUIJPEN, W. *Introdução à Fenomenologia Existencial*. São Paulo: EPU, 1973.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o poético*. Filosofia e poesia em Heidegger. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.
- PALMER Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- PELBART, Peter Pál. “Um direito ao silêncio”. In *Cadernos de Subjetividade*, nº1. março-agosto 1993. São Paulo: PUC.
- PÖGGELER, O. *El camino del pensar de Martin Heidegger*; Editorial Cátedra, Madrid – 1986.

- PÖGGLER, O. "Heidegger y Hölderlin". In *Filosofía y política en Heidegger*, Barcelona, Alfa, 1984, pp. 127-147.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger. Um mestre na Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica : arte e técnica da interpretação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Searle, John R. *Mente, linguagem e sociedade : filosofia no mundo real*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- Silva, Ursula R. da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994 (coleção filosofia).
- STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre "Ser e Tempo" (Martin Heidegger)*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1988.
- VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VAZ, Henrique C. de Lima. "Esquecimento e memória do ser : sobre o futuro da metafísica" In *O futuro da metafísica*. Revista Síntese Nova Fase da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, Centros de Estudos Superiores, MG, Vol. 27, nº88, maio-agosto 2000.
- ZARADER, Marlène. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.